

“EU VOS FAREI PESCADORES DE HOMENS”: OS CÍRCULOS OPERÁRIOS NO RIO GRANDE DO SUL (1932-1945)

CARLA XAVIER DOS SANTOS*

RESUMO

Neste artigo salientaremos a formação, os princípios doutrinários e a atuação do movimento católico em prol do operariado do Rio Grande do Sul. Os Círculos Operários, como foram batizados por seu fundador, foram a forma mais direta e incisiva da presença da Igreja Católica brasileira no “mundo do trabalho”.

PALAVRAS-CHAVE: Círculos Operários; movimento operário; Estado; Igreja Católica.

ABSTRACT

This study is aimed at highlighting the formation, the doctrinal principles and the actions of the Catholic movement in favor of the working class in Rio Grande do Sul, Brazil. The Workers' Circles, as baptized by their founder, were the most direct and incisive presence of the Brazilian Catholic Church in the “world of work”.

KEYWORDS: Workers' Circles; labor movement; State; Catholic Church.

Este artigo é síntese de uma dissertação de mestrado que abordou a trajetória dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul. Sendo um movimento de raiz católica, mas não pertencente à Igreja, tinha por objetivo central auxiliar de forma espiritual e material os trabalhadores, para que não estivessem vulneráveis às “tentativas” do comunismo e do socialismo. Como veremos, os Círculos Operários tiveram sua fundação, sua história e seus princípios nas encíclicas dos papas Leão XIII e Pio XI.

A encíclica *Rerum Novarum*, emitida pelo papa Leão XIII em 15 de maio de 1891, foi o documento inaugural da chamada Doutrina Social da Igreja¹. Ao abordar “a questão operária”, se constituiu no

* Mestre em História das Sociedades Ibéricas e Americanas – PUC-RS

¹ Doutrina Social da Igreja é o conjunto dos ensinamentos contidos no magistério da Igreja constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos papas, inseridos na tradição

(como) impulso inicial sobre a questão do trabalho e do trabalhador em busca de uma ordem social justa. Na conjuntura do final do século XIX e do início do XX, a maioria da população ficou à margem do progresso político-econômico. Esse contexto, somado às ameaças do liberalismo e do comunismo, despertou a preocupação da Igreja Católica com a “condição dos operários”. Leão XIII se viu entre dois problemas centrais: de um lado, os males provocados por uma economia centralizada na maximização do lucro e na acumulação capitalista; e, por outro, a chamada “onda vermelha” do socialismo que ganhava terreno no mundo operário.

À vista dos problemas resultantes da Revolução Industrial, que suscitaram o conflito entre capital e trabalho, o documento papal enumerou “os erros que provocam o mal social”; excluiu também o socialismo como solução e expôs, de modo preciso e atualizado, a doutrina católica sobre o trabalho, o direito de propriedade, o princípio da colaboração em contraposição à luta de classes, sobre o direito dos mais fracos, sobre a dignidade dos pobres e as obrigações dos ricos, o direito de associação e o aperfeiçoamento da justiça pela caridade².

Em 15 de maio de 1931, foi publicada a encíclica *Quadragesimo Anno*, do papa Pio XI, motivada pela Grande Depressão de 1929 e por ocasião dos exatos quarenta anos da encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. Esse documento reitera as condenações ao comunismo, apresentadas na *Rerum Novarum*, e critica fortemente o socialismo, inclusive o “socialismo moderado”, considerado inteiramente incompatível com a prática e a fé católica. Também condena os abusos do capitalismo e do livre mercado, a concentração de renda e de poder, e afirma que sem justiça social e sem atenção à reta razão e aos preceitos evangélicos não se terá uma ordem econômica justa.

Foi dessa forma, portanto, que se iniciou a aproximação da Igreja com o trabalhador. Ambas as encíclicas propuseram justiça social e soluções para a questão operária, e sugeriram um corporativismo socioeconômico no qual poderiam estar aliados os interesses dos empregados aos dos patrões.

Vistas essas intenções eclesiásticas junto aos trabalhadores, um padre do interior do estado do Rio Grande do Sul teve o impulso de colocar em prática os ensinamentos contidos nas encíclicas papais. O jesuíta Leopoldo Brentano fundou na cidade de Pelotas, no dia 15 de

multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do Cristianismo. Ver mais em: MENEZES, Carlos Alberto de. *Ação social católica no Brasil: corporativismo e sindicalismo*, 1986.

² SANTOS, Carla Xavier dos. *“Nossa Senhora Medianeira, rogai por nós”*: a relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945), 2008.

março de 1932, o primeiro Círculo Operário (Círculo Operário Pelotense), destinado ao auxílio do trabalhador. O padre Brentano já trabalhava junto ao operariado pelotense através de uma escola, criada pela Congregação Mariana de Moços³, que atendia muitos trabalhadores, na busca de um futuro melhor por meio dos estudos, ou simplesmente, de vencer a batalha de juntar as letras e formar palavras, após uma jornada de mais de 12 horas de trabalho.

Padre Leopoldo Brentano propôs soluções para a questão operária, lutando por justiça social e sugerindo um corporativismo socioeconômico, o qual poderia aliar os interesses dos empregados e os dos patrões.

Esse movimento de raízes gaúchas⁴ se expandiu rapidamente por todo o Sul do país. Três anos após sua fundação, em 1935, os Círculos gaúchos agregaram-se à Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul (FCORGS). No mesmo ano, realizou-se o Congresso dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. Toda essa articulação dos Círculos não trouxe muita simpatia de outros movimentos de operários católicos, pelo fato de os círculos terem estabelecido parcerias com o Ministério do Trabalho no processo de sindicalização. Esse foi o caso do movimento mineiro, então chamado de Confederação Católica do Trabalho, com o qual as desavenças foram mais acirradas, por existir no interior dessas organizações uma grande expectativa quanto à possibilidade de os católicos construírem uma estrutura sindical.⁵

O circulismo tentou acabar com o tratamento particular de cada instituição regional, com o intuito de unir a ação em todo o país, como também as práticas junto aos trabalhadores que não saíam da teoria. Portanto, pôde apresentar-se com uma estrutura organizada e com plano de ação que distinguiu o circulismo à frente dos demais movimentos existentes junto ao operariado. Dessa forma, ele passou a falar a mesma linguagem que os trabalhadores, porque o trabalho dos círculos atuava junto à realidade do operário e de suas necessidades.

Assim, a Igreja Católica brasileira adotou os Círculos Operários como representantes da Ação Católica junto aos trabalhadores brasileiros, e assim os Círculos se tornaram pilares da aliança entre o clero católico e o Estado Novo.

Os Círculos Operários foram a opção mais concreta e organizada com que o operariado gaúcho pôde contar. A proposta do padre Leopoldo Brentano nasceu, em grande parte, por causa da oposição ao

³ BARRETO, Álvaro. *Propostas e contradições dos círculos operários*, 1995. p. 34.

⁴ SANTOS, op. cit.

⁵ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*, 2002, p. 204.

comunismo. Visto que essa ideologia tinha ação popular, falava no mesmo tom do povo e do trabalhador, do operário, os católicos não podiam ficar insensíveis a isso. Pio XI, através da encíclica *Quadragesimo Anno*, pretendia instigar os sacerdotes a irem ao povo, aos trabalhadores: “Ide ao povo, ide ao trabalhador”.⁶

Os Círculos não foram aceitos logo no seu início. Adversários às suas idéias, que viam perigo no movimento, dirigiram um panfleto ao Ministério do Trabalho contra os Círculos, conseguindo com isso a proibição ao funcionamento dos Círculos Operários. Foram enviados, por duas vezes, inspetores do ministério a Porto Alegre, porém estes acabaram por apoiar o movimento e se tornaram o ponto de partida para que o governo visse com bons olhos os Círculos Operários.⁷

A Igreja via nos Círculos um elo forte junto ao Estado getulista, pois atingiam o mesmo objetivo – os operários. Conforme Diehl,

Os Círculos foram associações, cuja organização inibiu o movimento reivindicatório dos operários requer uma visão ampla do problema. A radicalização política diminuiu a discussão do primado econômico, abrindo espaços a atuação do Estado na legislação social, na mesma proporção aumentou a limitação reivindicatória ou política das classes, cujo poder de barganha e capacidade de pressão sucumbiram ante o corporativismo e a burocratização do sindicato no Brasil.

É nesse quadro conjuntural que os Círculos Operários se inserem como componentes importantes na legitimação das posições políticas da Igreja e da LEC⁸. Os Círculos Operários, além da sustentação doutrinária, realimentaram pela base operária o regime político.⁹

Em pouco tempo, o movimento se expandiu não só no Rio Grande do Sul, mas por todo o Brasil. Foram intensas as formas de atuação da Igreja junto ao operariado, porém a mais significativa e que rapidamente se difundiu por todo o país foi o movimento dos Círculos Operários. Eles buscavam ser assistencialistas e formadores da classe operária, como também articuladores junto ao operariado contra as idéias do comunismo, considerado adversário dos interesses da Igreja Católica.

O Estado só passou a ter interesse mais significativo pela questão operária em meados da década de 1930, quando a Igreja Católica também voltou mais efetivamente suas atenções aos trabalhadores, porque, diante do “inimigo vermelho”, a classe operária seria a mais

⁶ RAUSCH, Urbano. *Uma vida dedicada ao Círculo Operário*, 2003, p. 53.

⁷ O FUNDADOR dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos. *COPA em Revista*, 1954, p. 7.

⁸ Liga Eleitoral Católica.

⁹ DIEHL, Astor Antonio. Estado Novo: corporativismo e círculos operários, 1987, p. 19-35.

suscetível à propagação das idéias comunistas, já que o Estado não se fazia presente nesse momento. Como refere Astor Diehl,

ante a ineficiência do Estado, a Igreja toma para si a pauta de motivar o Estado para que ele assumisse a tarefa de solucionar o problema social, toma posições definidas como forma de não ficar marginalizada no processo histórico. Porém, a ausência do Estado e a crescente proliferação da organização socialista traduz na Igreja a responsabilidade de educar a elite capitalista e promover a organização operária dentro de uma perspectiva mutualista.¹⁰

Sobre o papel social assumido pela Igreja frente aos operários, Álvaro Barreto traz as palavras do padre Brentano:

Era urgente o lançamento de um movimento operário cristão que dando ao operariado, a par de uma assistência social imediata, uma formação espiritual e colaborando com os esforços do governo, pusesse um dique à infiltração comunista e completasse a obra do Ministério do Trabalho¹¹.

Assim, seguindo esse pensamento, é possível entender que a Igreja assume como sendo seu dever a educação da elite, para a formação de intelectuais cristãos, e a organização dos operários, de forma que seguissem o governo e suas leis e, assim, fosse contido o avanço comunista.

Contra o comunismo, os Círculos possuíam uma tática especial: repudiavam a luta sistemática das classes e o liberalismo econômico estabelecia a necessidade de intervenção moderada do Estado na questão social, no sentido de controlar e regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.¹²

Um dos principais motivos que levavam os trabalhadores a se filiarem ao movimento circulista era a política assistencial que eles desenvolviam junto aos seus sócios, que se beneficiavam de assistência médica, jurídica, escolas noturnas, educação profissionalizante, creches, facilidades para a compra de casa própria, organização dos sindicatos, como também organização de atividades voltadas ao lazer. Tendo em vista que, em sua maioria, os circulistas eram trabalhadores sem atuação sindical ou política, o Círculo Operário destinava-se a proteger este operariado envolto na luta do dia-a-dia, sob todos os aspectos, em todas as circunstâncias e lugares, abrangendo a pessoa,

¹⁰ DIEHL, Astor Antonio. *Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)*, 1990, p. 18.

¹¹ BARRETO, op. cit., p. 34.

¹² CARTILHA CIRCULISTA, 1942, p. 43-45.

a família e todos os seus interesses¹³. O diagrama abaixo demonstra os objetivos quanto às diversas áreas do atendimento aos trabalhadores, oferecidas pelos Círculos Operários.¹⁴



Todavia, o maior objetivo do movimento circulista era coordenar as atividades de seus associados, visando a uma organização forte e perfeita, para assim prestar-lhes todo gênero de benefícios e defesa¹⁵. Os benefícios apresentados no organograma eram dirigidos não só aos circulistas, mas abrangia toda a família dos associados.

Cinco princípios básicos regiam as leis e atividades dos Círculos Operários; destes, os três primeiros constavam desde sua fundação¹⁶:

- A moral e doutrina de Cristo, código inigualável de justiça, respeito mútuo e amor;
- As encíclicas *Rerum Novarum*, de Leão XIII, e *Quadragesimo*

¹³ Idem, p. 24.

¹⁴ BRENTANO, Leopoldo. *Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações*, 1940. p. 2. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

¹⁵ CARTILHA CIRCULISTA, op. cit., p. 24-25

¹⁶ Idem, p. 25.

Anno, de Pio XI, que constituem a carta magna da sociologia cristã e encarnam a aplicação da moral e da doutrina cristã sobre a questão social;

- Repúdio à luta sistemática de classes;
- O direito natural e sagrado da propriedade legitimamente adquirida, considerando, todavia, a riqueza como função social, devendo ser empregada para o bem da coletividade;
- O direito e a necessidade da intervenção do Estado na questão social, no sentido de regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.

O circulismo pretendia não só lutar pelos direitos dos trabalhadores, mas buscava também promover a educação, a integração entre trabalhadores de diferentes áreas, momentos de lazer para o trabalhador e sua família. Assim, esse movimento se tornou influente e o de maior apoio por parte da Igreja. Desenvolvia também muitas atividades culturais e sociais, e marcava presença no cenário trabalhista da época. As diversas atividades oferecidas pelos círculos tinham um intuito além do de apenas amparar os trabalhadores: ofereciam vida social ao operário e a sua família, de forma que este se envolvesse cada vez mais com o movimento, sob o olhar atento dos dirigentes e do clero, não só durante o horário de trabalho, mas também no horário de lazer. Conforme o Padre Brentano,

O Círculo Operário ensina os trabalhadores a fazer bom uso das horas de lazer, fugindo ao jogo e ao álcool e ocupando-se útil e agradavelmente em casa ou na sede, com jogos, música, teatro, etc. ou mesmo com algum esforço em prol do movimento, em que também acham prazer e trabalham com orgulho.¹⁷

O movimento circulista tinha respeito às demais classes sociais, às leis e às autoridades, assim como às instituições que contribuíssem para a cultura cristã. Visava a praticar, também, todo o projeto da sociologia católica traçado nas encíclicas papais, mobilizando e envolvendo em sua ação todas as pessoas e instituições capazes de cooperar na realização desse programa: operariado, empregadores, clero, homens com recursos financeiros ou com o préstimo de sua profissão.

Segundo a *Cartilha Circulista*, os sindicatos constituíram-se a partir de pessoas que exerciam a mesma profissão e se ocupavam, sobretudo, com causas que diziam respeito ao aperfeiçoamento na profissão, à defesa dos seus interesses no exercício da profissão, às condições de trabalho e poderiam servir-se, para isso, da proteção das

¹⁷ BRENTANO, op. cit., p. 16.

leis trabalhistas. Abrangiam, assim, os trabalhadores de todas as profissões com todos os interesses e necessidades do operário e de sua família, de ordem material, intelectual e espiritual, ao ensinar, orientar e moralizar no sentimento cristão. Com um trabalho de colaboração e auxílio, completando a obra dos sindicatos e do próprio Ministério do Trabalho, pois constituíam um movimento unificador e coordenador do operariado, formavam bons chefes, legítimos líderes, e preparavam o ambiente favorável ao cumprimento das leis sociais.¹⁸

Os Círculos teriam exercido, segundo o padre Brentano, certa influência sobre o sindicalismo, ao dar uma orientação construtiva e de colaboração com os chefes de empresas e autoridades, livrando os trabalhadores dos cruéis chefes comunistas, que tiranizavam os operários e criavam um ambiente permanente de intranquilidade pública¹⁹. Além de advogar em prol do trabalhador, também reivindicavam salário mínimo e melhores condições de trabalho. Os Círculos Operários ofereciam, em sua maioria, assistência médica, jurídica, farmacêutica, habitação, amparo mútuo, como também atividades de lazer no âmbito de cinemas, bibliotecas, imprensa, grupos cênicos, escotismo, creches, escolas.

Por sua natureza, o circulismo era um movimento operário nacional, de direção democrática, baseado nos princípios da Doutrina Social Cristã, pois cada Círculo era uma associação de trabalhadores, sob a direção eleita pelos próprios membros, com personalidade jurídica própria de direito civil. Tinha seu raio de ação limitado a uma cidade ou a um município, como mostra a imagem da estrutura organizacional do movimento dentro da federação.²⁰

Os Círculos estavam estruturados em cinco níveis hierárquicos²¹. As zonas ou grupos pertenciam aos núcleos circulistas, que compunham e respondiam ao Círculo. Por exemplo, na cidade de Porto Alegre havia vários grupos de estudos de formação profissional, promovidos pelo circulismo, localizados na mesma região, sob a coordenação do núcleo circulista que abrangia todo o bairro onde estava localizado. Quase todos os bairros de Porto Alegre tinham um núcleo, que respondia diretamente ao COPA (Círculo Operário Porto-Alegrense). Nesse sentido, a Federação aglutinava e respondia por todos os Círculos Operários de cada cidade do Rio Grande do Sul. Por último, a federação de cada Estado do país estava subordinada à

¹⁸ Idem, p. 33-35

¹⁹ Idem, p. 15.

²⁰ CARTILHA CIRCULISTA, op. cit., p. 22.

²¹ Idem, ibidem.

Confederação Nacional de Operários Católicos.

O movimento dos Círculos não fazia discriminação de sexo, partido político ou religião: desde que o trabalhador aceitasse a moral cristã e os princípios democráticos, mesmo vivendo dentro da ditadura do Estado Novo, podia ser admitido como sócio. “Admitindo praticamente todo operário bem-intencionado e honesto, respeitador da família e da religião. Portanto, só não pode ser sócio quem tem vícios inveterados, ou adota ideologias subversivas e contrárias às bases das tradições cristãs”²². Visava essencialmente à promoção e valorização da classe operária, assistia e formava os trabalhadores urbanos e rurais “e queria que o trabalhador fosse cada vez mais respeitado e também ver o seu esforço mais apreciado e melhor recompensado”.²³

Segundo a revista do Círculo Operário Caxiense, os círculos se propunham, baseando-se no pensamento dos papas Leão XIII e Pio XI, atuar em três pontos fundamentais²⁴:

I – Harmonia e cooperação entre as diversas classes profissionais e coletivas, para assim facilitar a assistência social junto às classes mais necessitadas e a organização racional do trabalho;

II – Sindicalização, ou organização dos trabalhadores, não por sua categoria no mercado de trabalho, mas sim pelas funções sociais que desempenhavam;

III – Reforma dos costumes (cristianização): tudo o que se estaria desempenhando em prol da ordem social de nada valeria sem a reforma do costumes.

Com a implantação completa destes três pontos, os operários obteriam maior conforto (pela cooperação), força (pela organização profissional) e virtudes cristãs (pela religião católica).

A organização e o programa de ação dos Círculos Operários eram baseados em quatro departamentos centrais, que atendiam a áreas distintas: Ensino e Educação (11 áreas), Cooperativista (três áreas), Saúde (nove áreas) e Beneficência e Defesa (11 áreas). Assim, supriam-se várias necessidades dos trabalhadores.

O movimento tinha como bandeira o símbolo da cruz. O jornal *O Trabalho* traz a seguinte explicação sobre seu significado:

A bandeira e o distintivo em suas cores e seus conteúdos são o símbolo e o sinal do caráter sensível da nossa organização. O fundo azul da bandeira, a cor do firmamento representa o idealismo e a amplitude do

²² Idem, p. 51.

²³ Idem, p. 44.

²⁴ PRIMEIROS benefícios. *Círculo em Revista*, 1994, p. 8.

nosso movimento em seus objetivos e em sua extensão, enquadra-se ele no movimento operário cristão de todo o mundo. A cor branca significa a pureza de nosso ideal e a paz que queremos trazer ao mundo, harmonizando o trabalho. Em geral o vermelho é a cor do sangue e do fogo, simboliza a vida, a atividade, o entusiasmo, o dinamismo a luta, o sacrifício, o martírio, tudo a serviço do amor ou do ódio. Em nossa bandeira a cruz rubra define o nosso dinamismo²⁵.

Somos um movimento construtivo e não destruidor; nossa atividade e luta é para o bem dos trabalhadores, processaram-se dentro da lei cristã, cujo grande mandamento é o amor. “Nós trazemos um lema que encerra um programa de paz e amor”, diz o nosso hino. A engrenagem que a bandeira encerra e que contorna o distintivo é o símbolo do trabalho. A esfera azul com o cruzeiro que a engrenagem abrange, é tomada da bandeira nacional e simboliza o Brasil: significa isto, que queremos uma organização de todos os trabalhadores brasileiros, de qualquer profissão e de ambos os sexos. O conjunto – engrenagem, cruz, esfera na cores azul, branco e encarnado – simboliza: “os trabalhadores brasileiros cristãos construindo com entusiasmo e amor uma nova era de bem-estar e paz social”.²⁶

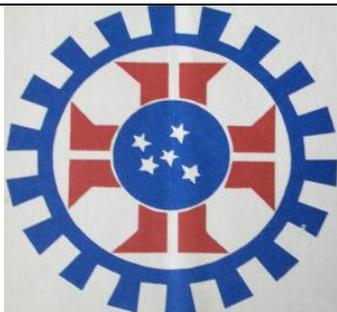


Figura 1 – Emblema dos Círculos Operários



Figura 2 – Emblema do Círculo Operário de Bento Gonçalves

A bandeira dos Círculos Operários era o símbolo máximo do movimento, e, como vimos na citação, cada ponto e cada cor são carregados de significado.

Como podemos notar nas figuras, a bandeira é a singularidade de cada núcleo. Por exemplo, o Círculo Operário de Bento Gonçalves uniu no emblema de sua bandeira o símbolo da cidade e o do movimento. Aliás, a bandeira dos circulistas da cidade de Bento Gonçalves, por sua tradição vinícola, traz o desenho de uma pipa de vinho.

²⁵ NOSSA bandeira e distintivo, 1938. p. 1.

²⁶ Idem.

Além da bandeira, os círculos também possuíam seu hino:

Companheiros, cerremos fileiras, olhos fitos no ideal que reluz!
Empunhemos a nossa bandeira, cujas cores abraçam a cruz!
Ardorosos na luta, queremos o operário fazer respeitar.
Contra as forças do mal defendemos nosso Deus, nosso pão, nosso lar!
Nós trazemos um lema que encerra um programa de paz e de amor;
Pois queremos que acabem na terra a opressão, a injustiça, o terror!
Pois queremos que acabem na terra a opressão, a injustiça, o terror!
Nós não somos mendigos ou escravos, mas pioneiros de um grande porvir;
Nós iremos com audácia de bravos nova ordem social construir.
Vencerá nossa marcha gloriosa. Vem depressa marchar, meu irmão!
Surgirá da jornada afanosa um Brasil operário e cristão!²⁷

O hino reporta ao ideal do exército cristão que combateria o mal. As palavras, como fileiras, bandeiras, luta, lema, reportam também ao nacionalismo e reforçam a imagem de aliança entre o Estado e a Igreja.

Sob os símbolos do seu hino e da sua bandeira, o circulismo desenvolveu-se rapidamente durante o Estado Novo. Roque Lauschner acredita que os circulistas “deixaram-se instrumentalizar pela ideologia dominante: defendiam a união trabalho-capital e assumiam energicamente a luta anticomunista”²⁸. Ampliaram-se ao máximo no período da ditadura de Getúlio Vargas, alcançando o número de trezentos mil associados. Com a colaboração do governo e dos empresários, constituíram notáveis patrimônios²⁹. Assim, serviam de suporte físico para a expansão do movimento, posteriormente, por todo o país.

Nesse sentido, o padre José Odelso analisa em seu texto “Identidade circulista”³⁰ a existência de três tipos de Círculos Operários. O primeiro seria justamente o vinculado ao patrimônio, pois preservava e mantinha o patrimônio circulista de suas localidades, suas sedes e instalações voltadas ao benefício do lazer e do encontro comunitário. Muitas sedes circulistas foram conhecidas nas respectivas cidades, não só como locais de grande valor imobiliário, mas também como locais de práticas esportivas, lazer, diversão, próprios de um clube recreativo. O segundo tipo de Círculos Operários, além das finalidades de lazer, recreação e jogos, colocava a estrutura do núcleo para a prestação de assistência médico-social, farmacêutica e de laboratório de análises

²⁷ HINO dos Círculos Operários, 1937.

²⁸ LAUSCHNER, Roque. A nova carta dos princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja, 1994, p. 219.

²⁹ Idem.

³⁰ SCHNEIDER, José Odelso. Identidade circulista. Artigo fornecido pelo próprio autor.

clínicas; assistência judiciária gratuita ou a preços mais condizentes com a renda dos setores populares. E o terceiro tipo estava mais próximo das finalidades definidas nos estatutos do Circulismo: eram os círculos que “não só dão o peixe, mas dão o anzol e ensinam o povo a pescar”³¹. Situavam-se assim os que, além dos serviços anteriormente citados, ofereciam cursos de formação humana, cursos técnico-profissionalizantes de toda ordem, além de atividades artísticas e culturais como instrumento de formação política e, sobretudo, cursos de liderança e ética. Ressaltamos, como primeira prioridade para tais Círculos Operários, a formação de “militantes circulistas” que seriam mais que meros usuários dos diversos serviços oferecidos pelos núcleos circulistas.

A Igreja no Brasil, ao longo de toda sua história, apresentou diversos momentos de auge e declínio. Todavia, com uma característica marcante, se recompõe, reorganiza e se faz presente: a atuação da Igreja junto aos operários brasileiros não foi um caso isolado, muito pelo contrário. Temos outros dois exemplos de grande significação para a história do Círculo Operário brasileiro que foram os “obrerros” do Uruguai e da Argentina.

Como já foi abordado, a atuação da Igreja Católica, no campo do trabalho, iniciou com a doutrina social, que teve por base oficial a encíclica papal *Rerum Novarum*, de Leão XIII. Porém há registros de uma atuação social semelhante no Uruguai, datada anteriormente à encíclica do papa Leão XIII. O Círculo Católico de Obreros del Uruguay, de modo semelhante ao circulismo brasileiro, voltava-se para o trabalhador, porém não era baseado na *Rerum Novarum*, mas nos moldes de organizações católicas francesas que surgiram após a Revolução Francesa. Conforme Rodolfo Fenocchi,

Los Círculos Católicos de Obreros son, en muchos países latinos, como un fruto natural de un movimiento social cristiano que se originó en Francia a mediados del siglo XIX. Este movimiento supuso como una de las primeras reacciones positivas de la conciencia católica tras los episodios revolucionarios del siglo anterior³².

No Uruguai, Juan Zorrilla de San Martín resolveu pedir, em uma carta à França, juntamente com o padre Andrés Torrielli e outros católicos, como Juan O'Neill e Luis P. Leguas, mais informações sobre as novas realidades e foi prontamente atendido. Isso o entusiasmou a

³¹ Idem.

³² FENOCCHI, Rodolfo. *Círculo Católico*: 120 años acompañando el desarrollo del país, 2005, p. 15.

ser membro fundador do círculo de Montevideú.

Em el año de 1881, a tres años de la muerte de Pio IX de la ascensión a la sede pontificia de León XIII, y diez años antes de la publicación de la “*Rerum Novarum*”, estos cuatro pioneros someten los Estatutos del que será el Círculo Católico de Obreros, a la aprobación del segundo obispo de Montevideo, monseñor Inocencio María Yéregui.³³

Já o Círculo Católico de Obreros argentino nasceu baseado na encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII. A primeira tentativa séria de aproximação com os trabalhadores na área social, por parte dos católicos, foi realizada pelo padre Frederico Grote, redentorista alemão, no ano posterior à publicação da encíclica, 1891. Fundado em 1892, o Círculo Católico de Obreros de Buenos Aires foi inspirado pelo movimento social católico e espalhou-se rapidamente por todo o país. Em 1912 veio a alterar seu nome para Círculo Católico de Obreros. Como um dos núcleos mais importantes, a Argentina teve o Círculo Católico de Obreros de San José, na cidade de Salta, constituído em 22 de abril de 1897, baseado nos ensinamentos de Leão XIII. Isso representou uma importante etapa junto ao operariado, além do posicionamento contra o estado liberal e o socialismo, ao adicionar um programa de ação social que se propôs como solução dos conflitos da época.³⁴

O artigo primeiro do estatuto de fundação dos círculos definia seu alvo preliminar: “defender y promover el bienestar material y espiritual de la clase obrera en marcada oposición de la funesta propaganda del socialismo”³⁵. Suas intenções eram não somente impedir a difusão das doutrinas anarquistas e socialistas entre os trabalhadores, mas também impor uma ação mutualista que salientasse as urgências dos salários e exigisse também do Estado uma legislação do trabalho. O círculo era uma associação de caráter mutualista e sua presidência, como toda a administração, estava a cargo de um conselho diretor, eleito em assembléia pelos sócios.

Para ser sócio do círculo, era exigido ao trabalhador ter entre 15 e 50 anos, uma profissão honesta, não sofrer de nenhuma doença crônica, não participar de nenhuma sociedade secreta e ter reputação e comportamento idôneos. Contudo, além disso era necessário ser apresentado por outro sócio, que atestaria a veracidade das

³³ Idem, p.16.

³⁴ RECALDE, Héctor. *La Iglesia y la cuestión social (1874-1910)*, 1985, p. 66-67.

³⁵ CAIMARI, Lila. *Perón y la Iglesia católica: religión, Estado y sociedad en la Argentina (1943-1955)*, 1995. p. 41.

informações expressadas. Mesmo com tantas exigências, o candidato ainda estaria sujeito à aprovação por parte da comissão de sócios³⁶. Entre os deveres dos sócios constava: uma vida moralmente regrada, pagamento de taxas para ter acesso aos benefícios, não praticar jogos perigosos ou ilícitos e assistir às reuniões e conferências dos Círculos. Em contrapartida, teriam o direito a: médico, auxílio-doença durante o período de repouso por causa de enfermidade, mesmo que a doença não fosse crônica, contribuição para despesas de enterro e descontos no comércio conveniado com a instituição.³⁷

A figura principal do catolicismo social argentino, a partir dos anos de 1920, foi Monsenhor Andrea. O ideal de organização social, segundo Dom Andrea, era o corporativismo democrático, fórmula que buscava ordenar a sociedade e evitar conflitos políticos. Porém, mesmo com o apoio dos laicos e da Igreja, a entrada do presidente Perón e sua atuação junto à classe trabalhadora causou o declínio tanto dos sindicatos cristãos quanto dos Círculos.

Apontar a história dos Círculos Católicos de Obreros, tanto do Uruguai quanto da Argentina, se faz necessário para este trabalho por serem movimentos muito parecidos com o dos Círculos Operários do Brasil. Entretanto, não se pode dizer idêntico pelo pequeno diferencial no nome. No caso argentino, foi um dos primeiros movimentos voltados ao operário, baseado na encíclica papal e fundado logo após sua emissão. Ambos possuem princípios semelhantes aos do circulismo brasileiro, principalmente quanto à assistência médica, porém apresentavam certo caráter discriminatório, ao exigir que outros já sócios fossem avalistas da moralidade dos candidatos; ao aceitar apenas os sócios com até 50 anos e sem doenças crônicas. Tais características não eram levadas em conta pelo movimento brasileiro, ou pelo menos essa exigência não se fazia visível. Entretanto, o Círculo Católico de Obreros del Uruguay teve fundamentos e formas características de atuação junto ao trabalhador muito parecidas com as dos círculos brasileiros, mas sua fundação era anterior à encíclica. Foi um movimento pioneiro, pois antes mesmo da *Rerum Novarum* já estava estruturado e em pleno funcionamento. Contudo, não se pode afirmar que tenha sido o modelo para inspiração de Leão XIII, nem mesmo para os Círculos Católicos do Brasil, por não se ter achado nenhum indício deste fato.

³⁶ REGULAMENTO DE LOS CÍRCULOS DE OBREROS. Buenos Aires: Tipografía Salesiana, 1982. Apud: MICHEL, Azucena del Valle. Del "Círculo Obrero de San José" a la sindicalización en los inicios del peronismo salteño, 2007.

³⁷ Idem, ibidem.

Muitos circulistas creem que o Círculo Católico de Obreros del Uruguai teria sido o precursor do movimento brasileiro. Porém, em revista comemorativa da fundação do Círculo Operário Caxiense, assim como em um ofício (com o timbre da instituição) contendo um pequeno resumo da história dos Círculos Operários, fornecido pelo Sr. Pedro, consta que os primeiros círculos teriam surgido em 1846 da Alemanha, tendo como mentor o padre Adolf Kolping³⁸. Logo após o término da Primeira Guerra Mundial, imigrantes oriundos da Europa, em sua maioria jovens, que na pátria não conseguiam trabalho, trouxeram o ideal Kolping para a América Latina. Em Buenos Aires, em 9 de maio de 1923, formou-se o primeiro grupo que se orientou nesse ideal. No Brasil, formou-se a primeira comunidade Kolping no dia 22 de junho de 1923, em São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, como podemos ver, as propostas das encíclicas foram basilares para a formação do circulismo e por isso fundamentais para a compreensão do processo de aproximação entre o Estado e a Igreja Católica.

No esforço de recuperar um lugar de prestígio dentro do país, a hierarquia católica buscou se aproximar cada vez mais do governo, e para isso ofereceu sua colaboração na defesa da ordem diante dos movimentos de contestação, principalmente junto aos trabalhadores. O projeto idealizado pelo padre Leopoldo Brentano alcançou o auge durante o Estado Novo, tendo por seu maior simpatizante o próprio presidente Getúlio Vargas. Todavia, ao contrário do que alguns historiadores acreditam, os Círculos Operários não morreram, após a saída de Vargas do poder, muito pelo contrário, o circulismo continuou vivo até a atualidade. Superou, não só a saída e, posteriormente, o suicídio do presidente Getúlio Vargas, mas os governos que o sucederam, a perda do fundador e idealizador do movimento, o padre Leopoldo Brentano, a readequação dos seus propósitos, forma de atuação e público-alvo, porém sem perder o espírito assistencialista.

³⁸ Adolfo Kolping começou sua obra em maio de 1849, com um pequeno grupo de jovens, a Associação dos Artífices, que viria a ser a semente que leva hoje o nome de Obra Kolping. Nos anos seguintes, Adolfo Kolping, viajando, estabelecendo contatos, dando palestras, escrevendo, orientando, organizando, conseguiu fundar 418 associações de trabalhadores similares à de Colônia, com um total de 24.600 associados, em sete países da Europa. Ver mais em: www.kolping.org.br. Acesso em 11 abr. 2008.

FONTES

O FUNDADOR dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricos. *COPA em Revista. 20 Anos do Círculo Operário Porto-Alegrense*. Porto Alegre, n. 24. 1954.

HINO dos Círculos Operários. *O Trabalho*, 14 dez. 1937, p. 1.

PRIMEIROS beneficíos. *Círculo em Revista* – Comemorativa aos 60 anos do COC. Caxias do Sul, ano 1, n. 3, p. 8, set.-out. 1994.

MICHEL, Azucena del Valle. Del “Círculo Obrero de San José” a la sindicalización en los inicios del peronismo salteño. *Revista Escuela de Historia*, Salta, año 6, v. 1, n. 6, 2007.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Álvaro. *Propostas e contradições dos círculos operários*. Pelotas: Ed. Universitária / UFPEL, 1995.

BRENTANO, Leopoldo. *Círculos Operários: sua origem, sua organização, suas realizações*. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940. p. 2. AGC. Ref. GC-1298f. CPDOC/FGV. RJ.

CAIMARI, Lila. *Perón y la Iglesia católica: religión, Estado y sociedad en la Argentina (1943-1955)*. Buenos Aires: Ariel, 1995.

CARTILHA CIRCULISTA. Rio de Janeiro, 1942. Publicações da CNOC, 8.

DIEHL, Astor Antonio. Estado Novo: corporativismo e círculos operários. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 1987.

_____. *Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)*. Porto Alegre: Edipucrs, 1990.

LAUSCHNER, Roque. A nova carta dos princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja. In: SCHÜHLY, Günther; KÖNIG, Hans-Joachim; SCHNEIDER, José Odelso (Org). *Consciência social: a história de um processo através da doutrina social da igreja*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

MENEZES, Carlos Alberto de. *Ação social católica no Brasil: corporativismo e sindicalismo*. São Paulo: Loyola, 1986.

RAUSCH, Urbano. *Uma vida dedicada ao Círculo Operário*. Brasília: CBTC, 2003.

RECALDE, Héctor. *La Iglesia y la cuestión social (1874-1910)*. Buenos Aires: CEAL, 1985.

SANTOS, Carla Xavier dos. *“Nossa Senhora Medianeira, rogai por nós”*: a relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945). Porto Alegre, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS.

SCHNEIDER, José Odelso. *Identidade circulista*. Artigo fornecido pelo próprio autor.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2002.